

“ O máximo de jornal no mínimo de espaço. O Diário Carioca foi uma escola de jornalismo”

(Deodato Maia)

O máximo do jornal no mínimo de espaço. “Era o slogan do Diário Carioca, fundado no dia 18 de julho de 1928 pelo Jornalista J. E. de Macedo Soares em meio a uma grande crise institucional. Em 1932 o DC defendia adorosamente o desejo dos Paulistas pela constituição imediata do País foi empastelado. (Naquela época o jornal funcionava na praça Tiradentes.)

Deodato Maia, 58 anos de idade, 32 de profissão foi durante muitos anos secretário do Jornal. O homem que fechava o jornal na oficina. “Como jornal político, o DC foi imbatível no seu tempo. Algumas das grandes crises políticas do Brasil foram desencadeadas pelos artigos de J.E. de Macedo Soares. Foi um jornal de opinião, e jamais chegou a ser uma publicação de interesse geral que servisse do gosto variado da média dos leitores. Comandou-o Danton Jobim que entrou para a empresa em 1932 como redator político e chegou a diretor-redator chefe. Em 1963 tornou-se seu proprietário, para vendê-lo novamente) em 1964 a Horácio de Carvalho Júnior.”

O DC sempre foi uma grande escola de Jornalismo afirma Deodato Maia “ Sempre foi um jornal pobre e por isso era obrigado a inovar para competir com os grandes órgãos. Nesse processo induziu diversas modificações técnicas: o lead(que Danton Jobim e Pompeu de Souza trouxeram dos Estados Unidos) e o sub-lead (criado pelo Mestre Paulistano), inovações seguidas pouco depois para a maioria dos Jornais; diagramação completa, suplemento dominical a cores e foram outras bossas introduzidas pelo DC. Nossa equipe era pequena, mas acreditava no que estava fazendo. Na chefia da redação, Pompeu de Souza, um Jornalista completo. Na chefia de reportagem Luiz Paulistano. Ele era conhecido como domesticador de focas, paciente com os novatos, conseguia em pouco tempo lançar repórteres em pouco tempo que hoje estão brilhando hoje nos jornais, revistas e no telejornalismo.”

Como todo jornal o DC também cometeu as barrigas, Deodato Maia conta alguma delas “Uma vez ainda na praça Tiradentes, o Horácio de Carvalho diretor- presidente , deixou um bilhete para que fizesse uma nota dizendo: Papai foi nomeado presidente da Caixa Econômica do Estado do Rio. Faça uma boa nota. O redator aproveitando o espedaço da lauda fez o texto e mandou para a Oficina, por sua vez escreveu outro recado por cima da nota, pedindo para que a linotipista não errasse a nota pois o empossado era o pai do homem. Pois bem. Saiu tudo no dia seguinte. O texto do bilhete do Horácio, a nota da nomeação, a recomendação. Saiu tudo na primeira página do jornal. Outra barriga: o Embaixador José Roberto de Macedo Soares faleceu e a cama do antigo regime do Distrito Federal aprovou o voto do ‘ profundo pensar’. O redator trocou as bolas e fez assim a notícia ‘A Câmara do Distrito Federal aprovou ontem voto de congratulações pela morte do Embaixador JR de Macedo Soares.’ Saiu.”

Para Deodato Maia “pelas suas campanhas políticas, sociais e culturais, o DC chegou a ser um dos Jornais mais lidos em todo Brasil, defendendo causas apaixonadamente e assumindo os riscos que rondavam na imprensa do país. A opinião fornecida nos Jornais a favor dos Aliados, durante a última grande Guerra em oposição ao Governo, que preferia a neutralidade, fez com o que seus produtores enviassem uma mensagem de apoio ao Presidente Roosevelt e ao povo americano. Seu intérprete foi Horácio de Carvalho Júnior, escolhido pela imprensa”.

O DC sofreu vários reveses, mas sempre lutando com as sociedades que não abalaram a convicção democrática que norteou toda a sua vida. Deodato prossegue: “Em 1955, o movimento contra a candidatura do Juscelino Kubitschek, e, posteriormente, contra a sua posse, colocava o Diário Carioca novamente na luta pelo respeito á Constituição. Durante todo o governo JK, o jornal lhe deu cobertura, apoiando suas metas e a mudança da capital. Evandro Carlos de Andrade descreveu em suas reportagens toda a campanha política de Juscelino.”

Deodato Maia- ao lado de Nogueira e Otávio Bonfim – foi testemunha ocular do atentado a Carlos Lacerda na Rua Tonelero. Viu de perto Alcino retirando contra Lacerda. “A Edição do dia seguinte foi um verdadeiro show de reportagem em cima dos outros Jornais”.

Furos o DC deu muitos, Deodato lembra o embarque de JK para o exílio. ”O jornal deu a notícia sozinho na primeira página.”

Pouca gente sabe, mas foi nas mesas de DC que o compositor Cartola – como contínuo- servindo cafezinho – encontrou inspiração para seus mais belos sambas.

Famosa era chamada de Página do Trapézio, com as colunas de Manoel Müller, o Jacinto de Thormes, e Jean Pourchard(sociedade), Décio Vieira Ottoni (cinema), Antonio Bento(Artes Plásticas), PMC-Paulo Mendes campos e Fernando Sabino (crônicas), Sérgio Porto (Jazz), Mister Eco (música popular), Ricardo Galleno(shows), Professor Mirakoff(Américo Brasílico), com seu horóscopo infalível. Assim como eram famosas as crônicas policiais de Eptácio Timbauba, as literárias de Renato Jobim (que editava um suplemento dominical) e as esportivas de Armando Nogueira(o Arno) e As Orelhas Ardem, do Super XX, o Everardo Guilhon. Segundo Deodato, Maia, até no fechamento o Diário Carioca foi diferente: “Encerrou suas atividades no dia 31 de dezembro de 1965 com todos os seus compromissos em dia, inclusive os encargos trabalhistas.”